

Razão, corpo e sentimento na teoria social contemporânea

João Teixeira Lopes

Uma falsa aporia - da sociologia *dos afectos* a sociologia *com afectos*

Pensamento e sentimento, sei-o agora, não constituem uma aporia para a análise sociológica. É possível, pelo menos assim o defendo, fazer uma sociologia propriamente *científica* dos afectos e sentimentos, bem como fazer sociologia *com* afectos e sentimentos. Esta proposição é o resultado de um duplo percurso: individual, enquanto agente social e sociólogo, e disciplinar, na trajectória da teoria social contemporânea, bem como da intersecção entre ambos os movimentos, enquanto praticante de um ofício cujos instrumentos - teorias, métodos, técnicas - são devedores de opções, nomeadamente entre paradigmas, mas também de um campo limitado de possíveis (social, institucional, ideológico, cultural) remetendo para uma multiplicidade de pertenças que "agarram" (no sentido de âncoras socializadoras) e simultaneamente estimulam e limitam.

Fui epistemologicamente socializado num campo disciplinar -o da sociologia portuguesa de finais dos anos oitenta - ainda significativamente marcado pela herança objectivista, não tanto em termos estritamente comtianos ou durkheimianos, suficientemente criticados e superados, mas sem dúvida pelo estruturalismo e cognitivismo dominantes em décadas anteriores. A viragem "pós-moderna" não tinha ainda sido assimilada e discutida, a não ser em abordagens críticas de um certo integrismo, quer cientista, de um lado, quer anti-objectivista¹ e relativista, do outro. Tal situação derivava, aliás, de

¹ Cf. a este respeito Miguel Vale de Almeida, *Corpo Presente*, Celta, Oeiras, 1996, em particular pp. 8-10.

um "défice de passado" da sociologia portuguesa, institucionalizada academicamente apenas em período posterior à Revolução de Abril. Qualquer ciência em busca de diferenciação e autonomização tende a exagerar na rigidificação de procedimentos científicos e na demarcação de fronteiras disciplinares. Os espaços liminares são, nesta fase, encarados com um misto de medo e repulsa.

A feroz crítica aos obstáculos epistemológicos (a explicação do social pelo individual, radicada nas teses de senso comum sobre o livre arbítrio; a explicação do social pelo natural, biologismo ou inatismo...) constituíam a nossa pauta, a nossa agenda de aprendizes de sociólogos. Conceitos como o de "função de comando da teoria" e a hierarquia dos actos epistemológicos de Bachelard (ruptura, construção, verificação) eram servidos em doses consideráveis, a ponto de quase se tornarem uma cartilha ou breviário.

De igual modo, o *Métier de Sociologue* de Bourdieu, Chamboredon e Passeron, lido até à exaustão, deixava bem explícita a contundente exigência de uma "sociologia da sociologia"², baseada num apertado "sistema de controlos cruzados"³ e no rigor espartano de uma "auto-sócio-análise", pedras de toque da "vigilância epistemológica", instrumentos de garante de cientificidade de uma comunidade idealizada de sábios.

No entanto, porque sempre existiu, felizmente, uma atitude de tolerância e humildade científica que, ao ser-nos inculcada pelos nossos "mestres", instigava em nós a heterodoxia que abala todos os consensos, o que precipitadamente se expulsava pela porta, irrompia com surpresa e estrondo pela janela.

De um ponto de vista pedagógico, no entanto, a estratégia seguida pelos meus "mestres" ainda hoje me parece a mais correcta. Desconfiar da sociologia espontânea e da "familiaridade com o social" (bem patente na sistemática descoincidência entre práticas efectivas e práticas declaradas), passar das agendas oficiais à desocultação dos mecanismos e centros de poder, procurar, com afinco, a génese social dos fenómenos, em suma, operar o salto substantivo que separa o "problema social" do "problema sociológico" constituem o enquadramento onde radica a especificidade crítica da disciplina.

² Cf. Pierre Bourdieu, Jean-Claude Chamboredon e Jean-Claude Passeron, *A Profissão de Sociólogo*, Petrópolis, Vozes, 1999.

³ Noção introduzida por Michael Polanyi e retomada pelos autores franceses.

No entanto, perpassou sempre o mal-estar de um cientismo erudito, de um certo integrista sociologista de contornos redutores. Leituras cada vez mais diversificadas, releituras melhor orientadas de obras anteriores, consciência e experimentação da fragmentação do campo disciplinar e evolução na matriz de pensamento das grandes referências intelectuais que nortearam a nossa formação inicial desvendaram outros horizontes e desafiaram os interditos.

Como romper radicalmente com o senso comum, se esse conjunto de crenças, comportamentos, práticas e posturas quotidianas (ou "ideologias práticas") constitui, precisamente, a matéria-prima de que se alimenta a sociologia? Sendo duplamente interpretativa (interpretando as interpretações "profanas" ou "teorias espontâneas" sobre o social), jamais a sociologia se poderia afirmar enquanto ciência esotérica, tal como Durkheim pretendia e o ascetismo intelectual de Bourdieu, por vezes reduzido à sua vulgata, acentuou nas gerações contemporâneas de sociólogos.

A crescente redescoberta de Weber (e não tanto o estrondo pós-moderno, em muitos aspectos redundante face a anteriores desenvolvimentos da teoria social) recentra o debate. Os aspectos hermenêuticos, intersubjectivos e expressivos da acção social ganham nova importância. De acordo com o autor alemão, importa compreender o sentido que os agentes intentam na acção orientada para os outros. Alarga-se, então, o campo de análise: sendo a cultura, na sua acepção, o "segmento finito de entre a infinitude sem sentido do devir do mundo (...) ao qual os seres humanos conferem sentido e significação", dignificam-se os códigos de leitura dos agentes sociais, o seu "stock" de conhecimentos, as suas linguagens, as suas teorias implícitas (com ramificações de grande interesse heurístico na fenomenologia social, etnometodologia e interaccionismo simbólico - cf. Husserl, Schütz, Garfinkel, Goffman). Uma importante parte das práticas sociais situa-se, então, entre o reflexivo e o inconsciente, numa espécie de limbo ao qual a sociologia não pode renunciar por miopia positivista. As emoções, os sentimentos ganham, por isso, estatuto de objecto científico, compreensíveis, em certas ocasiões de grande familiaridade com o sentido intentado na acção, por imediata empatia, dissolvendo-se, nesses instantes clarividentes, a velha dicotomia entre sujeito e objecto.

Simmel, desenvolvendo um percurso extremamente singular na história da sociologia, realça a trama das interacções entre os indivíduos e entre estes e a sociedade como elemento constitutivo das "formas sociais", fruto das "acções recíprocas entre os elementos que suportam todo o fechamento e a elasticidade, toda a multiplicidade e toda a unidade da vida em sociedade";

interacções "momentâneas ou duráveis, conscientes ou inconscientes"⁴. Sociologia de episódios, de fragmentos, de instantâneos⁵. Abre-se, pois, a caixa de pandora.

A etnografia, ou o sociólogo perto do seu objecto

Ao descobrir-me etnógrafo, por exigências de trabalho de campo, percebi ainda melhor a necessidade empírica de refrear a dimensão logocêntrica da sociologia, ou de uma *certa* sociologia, herdeira do racionalismo iluminista, na qual, apesar de todas as suas limitações, me enquadro. A irrupção do inesperado, o choque do imprevisto, o encontrar-se o que não se procurava (*serendipity*), levou-me a considerar o primado da realidade, mesmo que adversa. O meu orientador de doutoramento, um dos mais argutos sociólogos contemporâneos, José Madureira Pinto e um dos primeiros a disseminar em Portugal o conceito de "função de comando da teoria", refunda a noção, ao propor que a teoria não seja uma "camisa de forças", deixando-se desafiar pela realidade e pelo desenrolar do processo de pesquisa. Os sociólogos da vida quotidiana, como José Machado Pais, enfatizam a plasticidade da investigação empírica, abrindo a possibilidade das hipóteses teóricas emergirem no seu fluxo, ao contrário do modelo anti-empirista puro, onde são definidas *a priori*.

A viragem pós-moderna e a "libertação" epistemológica e ontológica do corpo

As abordagens pós-modernas, por seu lado, ampla constelação contraditória e incongruente de perspectivas teóricas, onde cabem o *prêt-à-porter* científico da última moda, a par de ousadas e imaginativas refundações epistemológicas, colocam a pessoa, a subjectividade, o corpo e a identidade (conceitos equívocos e difusos) no centro das agendas de investigação.

A Antropologia e a Psicologia Social, em particular, fornecem à Sociologia instrumentos preciosos de entendimento das "novas formas sociais", a um mesmo tempo *soft*, emotivas e efervescentes.

A sociologia, bem entendido, possuía já um considerável património neste domínio, sobretudo ao elaborar teorias de síntese (Bourdieu, Giddens, Elias...) capazes de superar a antinomia entre estrutura e agenciamento.

⁴ Vd. G. Simmel, *Sociologie et Épistémologie*, Paris, P.U.F., 1981, p. 90.

⁵ *Snapshots*, no dizer de José Machado Pais - cf. José Machado Pais (coord.), *Traços e Riscos de Vida*, Porto, Âmbar, 1999, p. 12.

Bourdieu, em particular, define uma "terceira ordem de conhecimento", distante tanto da ingenuidade fenomenológica como da rigidez objectivista, ultrapassando a "dualidade corpo-mente e signo-significado"⁶.

A incorporação é estudada, neste autor, através de um conceito fulcral, o de *habitus*, enquanto duplo movimento de interiorização da exterioridade (isto é, das estruturas sociais, das condições objectivas de existência) e de exteriorização da interioridade, sob a forma de percepções, esquemas de classificação da realidade, representações, comportamentos, em suma, de práticas sociais geradas pelo mesmo princípio orientador. Enquanto conjunto de disposições "duráveis e transponíveis", a subjectividade do *habitus* aparece aqui como socialmente estruturada e unificada: propensão para pensar, fazer e sentir *de uma certa maneira*, de acordo com a posição ocupada no espaço social, frequentemente ignorada pelo agente social, mas reconstruída conceptualmente pelo sociólogo. Tal significa que existe uma *economia da prática*, patente na "*douta ignorância*" do agente que se movimenta pelo conhecimento prático do mundo, pragmático e não reflexivo, incorporado através dos processos de socialização e das sucessivas experiências que forjam a sua biografia. A congruência que amiúde se estabelece entre certas acções, determinadas condições sociais de existência e *cálculo desinteressado* expressa, precisamente, este conhecimento prático que a si mesmo se desconhece, mas que acaba por ser uma máquina tendencialmente reprodutora da ordem do mundo⁷.

Todavia, o corpo, embora fora das grilhetas cartesianas, permanecia ainda aprisionado pela circularidade da incorporação socialmente determinada. Corpo domesticado, de certa forma. Mas poderá ele autonomizar-se enquanto puro princípio gerador, força motriz independente de molduras sociais e culturais? Poderão as emoções e os sentimentos constituir-se como uma espécie de sistema auto poético, numa modalidade de retorno a uma *realidade interna*, não resultando, ao contrário de Bourdieu, de qualquer entidade que lhes seja exterior, nomeadamente a normatividade contida na estrutura social e nos mecanismos de produção e distribuição de poder?⁸ Será o *habitus* essencialmente uma disposição afectiva e não tanto cognitiva? Resultará a experiência social das vivências emocionais, invertendo-se o nexos causal

⁶ Vd. Miguel Vale de Almeida, "Antropologia do corpo e da incorporação" in Miguel Vale de Almeida (org.), *Corpo Presente*, Oeiras, Celta, 1996, p. 10.

⁷ Ed. Pierre Bondieu, *Esboço de uma Teoria da Prática*, Oeiras, Celta Editora, 2002.

⁸ Cf. Miguel Vale de Almeida, *op. cit.*, pp. 14-16.

tradicional? Compreenderemos através do corpo-experiência, corpo-expressivo, corpo-performativo, corpo-emoção e não propriamente via pensamento, reflexividade, expressão?

A tirania dos afectos

Não será inútil, assim o proponho, reflectir sobre esta elevação do corpo e das disposições afectivas e expressivas à galeria sagrada dos objectos de eleição das ciências sociais contemporâneas. Partindo do pressuposto da simbiose de conteúdos científicos e ideológicos patente em qualquer formulação teórica⁹, seria profundamente ingénuo ignorar o contexto societal mais vasto de emergência do "paradigma" dos afectos corporalizados como base da memória e identidade sociais. Miguel Vale de Almeida refere Turner quando este "afirma que a proeminência teórica do corpo é em parte efeito e em parte causa de uma tendência reducionista geral para rejeitar categorias abstractas e construções teóricas totalizantes que não sejam directamente acessíveis à percepção, consciência e participação individuais. O corpo preencheu o vácuo criado pela evacuação do conteúdo social, cultural e político da teorização da condição humana na era moderna pós-moderna"¹⁰.

João Pina Cabral segue na mesma linha ao relacionar esta efervescência de "um individualismo emocionalista tão absoluto"¹¹ com a crescente psicologização dos universos simbólicos das classes médias ocidentais.

Em recente trabalho sobre práticas culturais urbanas das chamadas "novas classes médias (profissões liberais, assalariados que exercem funções de pendor intelectual, científico e artístico, altamente qualificados em termos de capital escolar), constatei, precisamente, esta ampla proliferação, em particular nos sectores mais juvenilizados, das "tecnologias do ego", inseridas na *fun morality*, algo semelhante a um *ethos* estilizado, uma espécie de constelação valorativa altamente fragmentada, sem metacritérios legitimadores e própria dos heróis das novas epopeias do quotidiano - aqueles que querem fazer da sua própria vida uma obra de arte (investindo sobremaneira nas estratégias de autorealização e autodescoberta, sob o manto algo diáfano da "autenticidade", reacção, segundo Giddens, contra os sistemas

⁹ Cf. a obra "clássica" de Adérito Sedas Nunes, *Questões Preliminares sobre as Ciências Sociais*, Lisboa, Presença, 1987, em particular pp. 116- 140.

¹⁰ Miguel Vale de Almeida, *op. cit.*, p. 14.

¹¹ Vd. João Pina Cabral, "Corpo familiar" in Miguel Vale de Almeida, *op. cit.*, p. 204.

impessoais e abstractos da *modernidade tardia* ou *radicalizada*¹²). O que defendemos nesse trabalho liga-se, precisamente, ao sentido da análise de Turner e João Pina Cabral: tais constelações valorativas e novos sistemas de crenças (caracterizados pela hiperbolização da libido, do emocional e do vivido e pela "fome" de quotidiano) encontram correspondência *material* nos novos mundos da sociedade e da economia pós-fordistas e pós-industriais: "peso crescente dos serviços; elevado grau de imaterialidade da estrutura económica; associação entre crescimento económico e circulação da informação; importância da «destruição criativa» de bens e recursos tendo em vista a implantação de novas necessidades, desejos e aspirações; reprodução da lógica capitalista da constante produção de novidade; etc."¹³.

O desencantamento perante um mundo secularizado, burocratizado e racionalizado contagia igualmente os cientistas sociais. Porque haveriam eles de ficar imunes? Não foram, em bom número, participantes activos, numa qualquer fase da sua vida, de novos movimentos sociais nascidos no fluxo ou refluxo do Maio de 68, a primeira grande "revolução" hedonista e individualista?

Não nego, que tal fique bem claro, o exagero logocêntrico do anterior paradigma dominante. Mas as reformulações que nele se operaram - e das quais tentei, ainda que brevemente, dar conta - permitem aproximar a produção científica da pluralidade dos "mundos da vida" evitando resvalar para uma religião das microrevelações quotidianas de cada átomo social. Sem dúvida que Ernest Gellner tem razão ao defender que o núcleo-duro do projecto da ciência moderna falhou: "A sua incapacidade para legitimar acordos sociais e para familiarizar os homens com o mundo é a mais comum das diatribes dirigidas contra a ciência. E inteiramente legítima"¹⁴. Mas nada justifica, como o mesmo autor advoga, a regressão a um mundo "pré-científico e pré-axial".

Dentro dos protocolos da objectivação científica e longe de uma cidadela de sábios ou de pontos de vista soberanos sobre a realidade é possível dignificar os sujeitos activos, reflexivos, afectivos, bem como implicar o cientista em processos de investigação-acção e de alargamento do campo de possíveis e de contradições da realidade hegemónica. Já me parece assombroso resvalar para a mera reprodução dos discursos (verbais e não-

¹² Cf. A. Giddens, *As Consequências da Modernidade*, Oeiras, Celta, 1992 e ainda *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras, Celta, 1994.

¹³ Vd. João Teixeira Lopes, *A Cidade e a Cultura*, Porto, Afrontamento, 2000, p. 343.

¹⁴ Vd. Ernest Gellner, *Pós-modernismo, Razão e Religião*, Lisboa, Instituto Piaget, 1994, p. 88.

verbais) dos sujeitos observados, renunciando à análise (versão "sofisticada do "populismo científico ou metamorfose do mito da neutralidade), praticando a profecia ou admitindo, enquanto cientistas sociais, a autocriação dos agentes (e dos seus sentimentos e disposições), como se num profundo, irreversível e mole vazio se movessem.

De igual modo, importa questionar o alcance do carácter autobiográfico do discurso científico¹⁵. Parece-me legítimo considerar um valioso contributo para a biografia dos cientistas sociais todo o seu percurso de investigação e património bibliográfico. A simples escolha dos temas de investigação, já para não falar das filiações paradigmáticas e das estratégias metodológicas fornecem riquíssimas informações a respeito da personalidade, universo simbólico e visões do mundo de quem ousa ser cientista. Toda a investigação é um conjunto sucessivo de opções e essas opções denunciam um estilo, um *modus operandi*, uma singularidade indesmentível. Mas recuso-me a admitir a tirania do autor egocentrado que, como refere ainda Gellner, se retira, ainda, perante a "inacessibilidade privilegiada do Outro", para uma escrita literária que apenas traduz a angústia dessa constatação¹⁶; escrita hermenêutica, obsessivamente virada para si mesma, quase barroca nos apurados pormenores de auto-análise.

Escrita amnésica, acrescentaria. Desfocada, desde logo, dos enquadramentos institucionais da produção científica, da ligação fortíssima entre as agendas de investigação dominantes e as lógicas de acumulação do capitalismo globalizado, das condições concretas em que se exerce a actividade do cientista social, nas suas unidades de investigação, nas suas Universidades, universos ainda ilusoriamente autónomos, imaginariamente subvertidos aos ritmos do mundo, mas perfurados profundamente por redes de poder, assimetrias, tribos e clientelas, fruto cada vez mais apetecível dos grandes interesses mundiais, como se depreende, aliás, do espírito da "Declaração de Bolonha".

A questão é simples e, no entanto, difícil de admitir: não nascemos cientistas - tornamo-nos cientistas!

A ciência não se dissolve no mundo maravilhoso dos afectos, embora deles não possa prescindir. Cabe-lhe, por isso, dignificá-los como objecto, assumi-los na experiência científica ou mesmo deixá-los respirar, quando é esse o seu desígnio.

¹⁵ Acerrimamente defendido, entre nós, por Boaventura de Sousa Santos - cf. *Um Discurso sobre as Ciências*, Porto, Afrontamento, 2001.

¹⁶ Idem, *ibidem*, p. 69.